

Capítulo V

“Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres” v.1.

Paulo procura demonstrar aos cristãos da Galácia, desde o capítulo três, que o evangelho de Cristo trouxe plena liberdade, diferente do que ocorria com aqueles que viviam debaixo da lei. A pior escravidão, a que o homem estava submetido, era a do pecado realçado pela lei. O pecado aqui descrito refere-se á natureza humana decaída, e não propriamente a conduta do homem decaído. Por conseguinte o homem era:

- Inimigo de Deus por natureza;
- Pesava sobre ele o juízo de Deus;
- A lei realçava, ou revelava a natureza pecaminosa, pois não é submissa a Deus.

Cristo nos livrou da velha natureza herdada em Adão, que nos fazia ‘filhos da ira’, e nos deu uma nova, pela qual passamos a ser “filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus” Gl 3. 26.

O livramento dado por Cristo que nos torna filhos, também nos isenta da lei. A lei só pode alcançar aqueles que vivem na velha natureza, ou na carne; mas, todos que foram gerados de novo em Cristo, são gerados do Espírito, e a lei não pode alcançá-los “Pois eu pela lei estou morto para a lei...” Gl 2. 19.

Paulo deixa bem claro que em Cristo há liberdade plena; estamos livres da natureza pecaminosa, pois morremos com Cristo “Estou crucificado com Cristo...” Gl 2. 20, e a garantia da liberdade é que também estamos livres da lei. Eles deveriam estar firmes na liberdade dada por Cristo.

“Estai, pois, firmes e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da escravidão”.

Após realçar o fato de sermos livres, o apóstolo retorna a defesa do evangelho.

Ele solicita uma posição de firmeza ante o que foi concedido, e isto implica em não voltarem a submeterem a escravidão. Em um primeiro momento os cristãos estavam submetendo-se ao julgo da escravidão. Isto significa que ao executarem alguns aspectos da lei, estavam submetendo-se ao julgo de um antigo e maldoso senhor. Se continuassem a se submeter aos trabalhos da lei, poderiam voltar a serem escravos do pecado. Deixariam de

viver pela fé em Cristo, e passariam a executar alguns aspectos da lei, que de maneira alguma pode salvar o homem.

Quando Paulo alerta quanto ao perigo dos cristãos voltarem a estar debaixo da escravidão da lei, e por consequência o pecado, resta que o homem pode lançar fora o que alcançou gratuitamente.

Isto não significa que Deus deixou de cumprir com a sua promessa, antes se cumpre a palavra que diz: “...se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele” Hb 10. 38b.

“Escutai! Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixares circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará” v. 2.

Este versículo é um exemplo prático do que seria estar debaixo do julgo da escravidão.

A atitude de se aceitar a circuncisão demonstra com clareza a falta de fé na obra redentora de Cristo. Qualquer atitude apoiada na lei com esperança de se achegar a Deus é errônea, e nada tem a ver com o evangelho de Cristo, que nos deu uma nova natureza regida pela lei do Espírito de Deus, que é o amor.

Por isso Jesus alertou: “Quem crê em mim, **como diz as escrituras...**” Jo 7. 38; se houver outra crença que não seja em conformidade com o que cristo revelou, de nada adiantará.

“De novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei” v. 3.

Muitos queriam ter o benefício da liberdade que há no evangelho de Cristo, mas queria acrescentar alguns aspectos exteriores da lei, e novamente o apóstolo reitera que a circuncisão exclui o benefício do calvário deixando o pecador a mercê da lei.

A importância do assunto é tão grande que o apóstolo reitera o pensamento insistentemente.

“Separados estais de Cristo, vos os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído” v. 4.

Podemos enumerar as conseqüências funestas para aqueles que tentam se apoiar na lei:

1. têm um julgo a carregar, pois são escravos do pecado;
2. sem Cristo perde-se a filiação de Deus;
3. está obrigado a cumprir toda a lei, e por isso mesmo sob maldição;
4. está longe da graça de Deus.

O homem não consegue viver a lei por terem princípios diferentes: a lei tem natureza espiritual e o homem uma natureza carnal, que nunca se submeterá as exigências da lei. Estará vazio de Cristo.

“Mas nós, pela fé, aguardamos mediante o Espírito a justiça pela qual esperamos” v. 5.

A fé tem um aspecto interessante: faz o homem aguardar pacientemente. Aquele que aguarda com base na sua fé não buscará nenhum outro artifício para si, mas terá em si a esperança da justiça que há em Cristo. A fé dá forças para se aguardar na esperança que há na justiça divina; por isso ela é firme fundamento, pois quando o homem a recebe acabará por esperar por aquilo que foi prometido (uma esperança prometida).

“Pois em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum” v. 6.

Quando ligado a Cristo, qualquer elemento proveniente do homem perde o seu significado e valor. Não é a religião; não é a nação; não é a origem que torna o homem agradável diante de Deus. Diante de Deus tanto o judeu quanto o grego estão em iguais condições; pois todos precisam nascer de novo.

“O que importa é a fé que opera pelo amor”.

O apóstolo exclui qualquer outro artifício para se achegar a Deus. O que importa, o que tem valor é a fé. Deus não faz distinção diante daqueles que tem fé; Ele olha tanto para o judeu quanto para o grego que tem fé. Nenhum elemento humano é considerado para que se alcance a graça divina.

A fé tem efeito mediante o amor de Deus. É o amor de Deus a base de operação da fé. É pelo amor de Deus que mediante a fé alcançamos ser uma nova criatura Gl 6. 15, o que nos torna capazes de observar os mandamentos de Deus I Co 7. 19.

“Corríeis bem. Quem vos impediu de obedecer a verdade? Esta persuasão não vem daquele que vos chamou” v. 7 e 8.

O apóstolo elogia o posicionamento que os irmãos possuíam. Eles estavam correndo para alcançar o prêmio proposto. Mas quem os havia impedido? Esta pergunta leva a uma reflexão e uma conclusão: só poderia ser o inimigo de nossas almas! É tão certo que Paulo exclui Cristo como autor daquela persuasão.

Em outra carta Paulo assevera: “Ninguém vos prive do prêmio...” Cl 2. 18

“Um pouco de fermento leveda toda a massa” v. 9.

Qualquer alusão em tentar mesclar, um pouco que fosse, a lei com o evangelho, acabaria comprometendo todo o evangelho de Cristo. A lei não se une ao evangelho. O que serviu de ‘aio’ para se chegar a Cristo não pode tomar o lugar que só a Ele pertence. A lei não pode substituir, ou acompanhar a graça de Cristo.

Esta posição Jesus estabeleceu ao declarar que não se coloca vinho novo em odres velhos, e que não se costura remendo novo em vestidos velhos. O evangelho de Cristo que é simbolizado pelo vinho, a nova aliança, só é comportado por um novo homem, gerado de novo através do Espírito. Ambos se conservam. O novo homem e a nova aliança sempre andarão juntos.

Não há como inserir o vinho velho, ou a antiga aliança no novo homem! A lei compromete a vida do novo homem gerado em Cristo Jesus.

“Confio de vós, no Senhor, que não haveis de pensar de nenhum outro modo. Mas aquele que vos inquieta, seja ele quem for, sofrerá a condenação” v. 10.

Paulo confiava em Deus, que Ele daria a estrutura necessária para que os irmãos não tivesse sido demovidos do evangelho que fora anunciado. Com base em Deus, Paulo confiava que os irmãos manteriam o que fora ensinado.

Aqui Paulo demonstra que alguém pertencente a igreja estava procurando mudar o conteúdo do evangelho, com base em posicionamento da lei mosaica. Qualquer que fosse este agente do maligno acabaria por sofrer a condenação.

Devemos refletir sobre a condenação que pesa sobre aqueles que inquietam os filhos de Deus com um pseudo-evangelho.

“Eu, porém, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que é que sou perseguido? Logo o escândalo da cruz está desfeito” v. 11.

Este alguém possivelmente estava espalhando no seio da igreja que o apóstolo estava apregoando a necessidade de se circuncidar. Paulo questiona para fazer o leitor chegar a uma conclusão: qual o motivo de ele ser perseguido? Se não houvesse maldição na cruz, eles deixariam de persegui-lo.

“Quanto aos que vos andam inquietando, oxalá se mutilassem” v. 12.

Outras traduções rezam que fossem cortados, desligados. Possivelmente o desejo de Paulo é que eles fossem alcançados pela circuncisão de Cristo, que faz o homem despojar de toda carne, visto que no versículo seguinte ele fala da carne Cl 2. 11.

“Vos, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, porém, a liberdade para dar ocasião à carne; mas servi-vos uns aos outros pelo amor” v. 13.

O ciclo de argumentos utilizados em demonstrar a nossa liberdade é resumido neste versículo. Fomos chamados a uma nova posição. Porém esta nova posição não nos dá o direito de voltarmos a realizar os feitos da antiga posição em que estávamos. Neste ponto é introduzido um novo tema: **o serviço da fé cristã***.

Não podemos dar vazão àquilo em que a lei pode estabelecer o seu domínio, a carne.

Todo e qualquer serviço que executamos hoje não tem a sua base, ou não está relacionado com a lei. O serviço do cristão está baseado no amor; por isso ele deixou escrito: servi-vos em amor, diferente do que era posto na velha aliança, em que o homem tinha que submeter a um mandamento que lhe era contrário a natureza.

* tal tema será alvo de um outro livro.

“Toda lei se cumpre numa só palavra, a saber: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”
v. 14.

A essência da lei está contida em um só mandamento, e este por sua vez demonstra que o amor é a base de qualquer relacionamento. Caso quisessem cumprir a lei deveriam observar este mandamento, coisa que não estavam fazendo. Mesmo libertos do pecado, estando em plena liberdade, os crentes estavam deixando se levar por aspectos pertenciam a natureza decaída: a carne “ocasião a carne” v. 13. Como? Os irmãos da Galácia estavam em desavença entre si v. 15.

O apóstolo deixa de falar do que a lei não pode fazer pelo homem e passa a demonstrar que a introdução de idéias pertinentes ao judaísmo estava causando dissensão e separação entre os cristãos.

“Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros” v. 15

Havia dissensão entre os irmãos, e Paulo para convencê-los a união em torno do evangelho utiliza-se de dois argumentos:

1. Aqueles que estavam firmes no evangelho, deveriam servir os outros cristãos em amor, e para isso não podiam deixar se levar por atitudes da velha natureza; estes estavam livre, libertos da carne, mas não poderiam deixar que os atos da antiga natureza se perpetuasse. Por isso mesmo Paulo alerta que o serviço do cristão é em amor.
2. Mas, havia aqueles que estavam inquietando os cristãos, e com isso promovendo as desavenças por causa da lei, e a estes, o apóstolo demonstra que se quisessem viver a lei, deveriam viver em amor; o princípio basilar do evangelho era um resumo cabal da lei de Moisés.

Daí advém o aviso: se estiverem brigando, mordendo e devorando uns aos outros, possivelmente acabariam por extinguir, consumir, acabar uns aos outros.

“Digo, porém: Andai no Espírito, e não satisfareis à concupiscência da carne” v. 16

Diante daquele quadro de desavença Paulo tem a solução: Andai no Espírito! O que é e como se anda no Espírito?

A mensagem da carta aos Gálatas foi direcionada a um público de cristãos. Entretanto havia surgido uma dissensão quanto a guarda de aspectos da lei, e por isso a discórdia. Por serem todos cristãos eles já eram participantes do novo nascimento e espirituais, conforme Paulo demonstra em Gl 6. 1.

Este versículo é aplicável ao cristão que estava em conformidade ao evangelho, e também atinge o cristão judaizante. Todos eram nascidos de novo, mas estavam em desavença devido a persuasão que não advinha de Deus v. 8.

Todos já eram nascidos de novo; já tinham nascidos do Espírito como bem demonstra João: o que é nascido do Espírito é espírito!

Andai no Espírito refere-se a questões comportamentais, visto que aqueles que nasceram com Cristo, precisavam andar conforme as pisadas do Mestre. Ao nascermos (REGENERAÇÃO), vivemos no Espírito, entretanto, falta andarmos no Espírito (COMPORTAMENTO). Eles haviam adquirido uma nova natureza, mas não estavam se portando de maneira digna da nova natureza.

Primeiro o homem é gerado do Espírito; temos aqui o novo nascimento, que nos livra da condenação que pesa sobre todos os homens sem Cristo; somos criados à imagem de Cristo; passamos a ter a plenitude de Cristo; somos verdadeiramente filhos de Deus, pois nascemos da vontade de Deus, e por isso mesmo foi nos dado o poder de sermos filhos de Deus; tudo isso é proveniente da fé em Cristo, o que nós dá a idoneidade de sermos participantes da herança DOS SANTOS NA LUZ.

Após tudo o que foi nos providenciado como se vê acima, devemos nos portar de maneira digna da nossa vocação; fomos chamados a ser filhos de Deus e, portanto devemos andar como tal. Ao nascermos de novo, vivemos no Espírito, e devemos andar no Espírito.

Se andarmos no Espírito, também não devemos cumprir com as concupiscências da carne. Esta é a conclusão do versículo. Observe.

Aqueles que não nasceram de novo estão mortos em delitos e pecados; estes vivem para o mundo e acabam por cumprir o que é determinado por sua natureza pecaminosa. Estão vinculados a pratica do pecado por um princípio que os detém, a natureza decaída.

São escravos do pecado, e não há como se livrarem do julgo que os obriga a manter uma conduta pecaminosa.

Quando a bíblia fala de escravidão do pecado ela demonstra dois princípios fundamentais da escravidão: o escravo não pode se libertar e tudo o que ele produz pertence ao seu senhor. Visto que o homem não pode se libertar de sua própria natureza, resta esperar em Deus, que ao unir com Cristo faz com que tal natureza desça a sepultura; só após morrer é que o homem para de produzir para o seu senhor, o pecado, e passa a ter vínculo com aquele que o libertou.

Não há como dar a determinação: não satisfaça à concupiscência da carne aquele que não é nascido de novo, mas aos nascido de novo, que vivem no Espírito, tem em si a capacidade, a liberdade para não cumprir com as concupiscências da carne.

Tudo o que o novo homem produz, produz para o seu Senhor, visto que aquele que come para o Senhor o faz, e aquele que não come para o Senhor o faz! I Co 8. 8; Rm 14. 6.

mesmo.

15 Porem se huns a os outros vos mordeis, e vos devorais, olhae que tambem huns a os outros vos não consumais.

16 Digo porem, andae em Espirito. E não cumprais a concupiscencia da carne.

17 Porque a carne cobiça contra o Espirito, e o Espirito contra a carne: e estes hum a outro se opoem; de maneira que não façais o que querieis.

18 Porem se pelo Espirito sois guiados, não estais debaixo da Ley.

**Traduzida em Portuguez pelo Padre João Ferreira D'Almeida,
Ministro Pregador do Sancto Evangelho em Batavia. Londres: Impresso na officina de
R. E A. Taylor. 1819.**

ou

**JOÃO FERREIRA A. D'ALMEIDA. REIMPRESSO DA EDIÇÃO DE 1693, REVISTA E
EMENDADA.
NOVA YORK: SOCIEDADE AMERICANA DA BÍBLIA, 1848.**

Tradução extraída do site da SBB.

Gosto desta tradução em decorrência de sua antiguidade, visto que ela torna-se isenta de qualquer tendência doutrinária por parte do tradutor.

Uma outra tradução assim reza: “Digo porém, andai em Espírito. E não cumprais a concupiscência da carne”. Aqueles que estão vinculados à primeira condição andando no Espírito devem se vincular a segunda condição: não cumprir com o que é pertinente a carne.

O Espírito é um agente externo e a carne também é um agente externo ao homem. Aquele que é nascido de um dos dois passa a ser participante da natureza que o gerou. O que é nascido da carne é carne. O agente externo carne gera os homens carnais, que vivem segundo as concupiscências da carne. Por sua vez, o agente externo o Espírito, gera homens espirituais, que pode passar, e deve passar a não cumprir o que era ditado pela antiga natureza.

Ao nascer, os homens já estão vinculados a carne. São nascidos da carne e estão debaixo da condenação de Deus que pesa sobre todos que vieram ao mundo desde Adão. Os nascidos do Espírito alcançam esta condição por intermédio de Cristo, através da fé, e passam ser espiritual.

Estes conceitos nada têm a ver com os elementos imateriais que constituem o homem. O ser carnal não tem a ver com o corpo do homem. O ser espiritual não tem nada a ver com o espírito do homem. Não é o espírito do homem que o faz espiritual, e não é o corpo do homem que o faz carnal.

Ser espiritual e o ser carnal diz de qual vontade o homem, que é composto por corpo, alma e espírito, foi gerado “filhos nascidos não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas ‘da vontade’ de Deus” Jo 1. 13.

Estes conceitos se entrelaçam com a idéia de que o oleiro pode fazer de uma mesma massa vasos para honra e vasos para desonra. O vaso para desonra é criado em Adão e todos os homens nascem nesta condição; e os vasos para honra, Deus faz (cria) por meio de Cristo.

Resta considerar que o versículo apresenta duas fazes com idéias e ordens distintas: A primeira ordena para que se ande no Espírito; já a segunda diz para não cumprir com as concupiscências da carne. São duas ordens distintas, sendo que a primeira ordem não tem como consequência a segunda ordem.

As traduções recentes não possuem a mesma idéia: “Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne” Rm 5. 16 (ARC); esta tradução trás a idéia que a partir do momento que se anda no Espírito, tem-se como consequência o não cumprir com as concupiscências da carne.

“Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito o que é contrario à carne. Estes se opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis” v. 17

Este versículo não apóia a idéia de duas naturezas! Não há duas naturezas no homem regenerado. O homem ou é carnal ou é espiritual; ou ele é nascido de Adão ou é nascido de Deus;.

A oposição entre carne e Espírito que Paulo aqui descreve nada tem a ver com o novo homem. Este conflito não se dá no interior do homem.

Para compreender este versículo releia o versículo vinte e nove do capítulo quatro de Gálatas.

Explicaremos este versículo em tópicos para que o leitor acompanhe melhor a nossa exposição:

- O apóstolo continua o pensamento do versículo anterior. O que foi dito no versículo anterior decorrente deste versículo. “Digo, porém...” “Pois...”. **Por razões pertinentes ao versículo 17 e que foi dito o versículo 16, e não o contrário.**
- A palavra ‘Espírito’ aqui designa o Espírito de Deus, e não o espírito do homem.
- A palavra ‘carne’ não se refere ao corpo do homem, mas ao velho homem ou ao princípio que o gerou.

- “Estes se opõem” porque é da natureza do Espírito de Deus o dar vida e vida com abundância. Já a natureza da carne é produzir morte.
- Este versículo não tem nenhuma ligação com Romanos 7, verso 23.
- A batalha do cristão é contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes Ef 6. 12, e não uma luta interior. Primeiro porque temos paz com Deus que nos purificou de todo pecado; que nos fez agradáveis no Amado; que nos gerou para uma viva esperança; que nos tornou filhos. Segundo porque a paz de Deus alcançou o nosso homem interior, estabelecendo a paz com nós mesmos.
- O pecado para o homem regenerado é um elemento externo, pois ele “tenazmente nos assedia” Heb 12. 1; o pecado não mais habita no crente.
- Não é bíblico dizer que no novo homem há tendências más, pois Deus é luz e nele não há trevas algumas. Se somos templo do Espírito Santo não há como haver um grama se quer de mau.
- Não é bíblico dizer que o pecado não reina no crente, mas habita nele, visto que aqueles que são nascidos de Deus possuem ou são participantes de Deus, e Deus não gera trevas;
- Não é bíblico dizer que o cristão possui duas naturezas contrárias, uma herdada em Adão e outra adquirida em Cristo, visto que necessário é nascer de novo (regeneração); ou melhor, é necessário nos conformarmos com Cristo na sua morte.

Este versículo tão somente expõe que a carne, ou a velha natureza possui vínculo com o pecado e com a morte. A carne tende para a morte, pois não pode ser sujeita a lei de Deus, pois teve a sua origem na queda de Adão.

Por outro lado, o Espírito de Deus não tem vínculo com a lei; o Espírito Eterno deseja gerar novos filhos segundo o seu infinito amor; a vontade da carne e do Espírito são antagônicos.

A carne e o Espírito opõem-se um ao outro. Um cobiça contra o outro, e o objeto desta cobiça, deste desejo é o homem. Esta oposição não ocorre no interior do novo homem. Esta oposição está no campo das idéias, vislumbrando a conquista de novos membros para o reino de Deus.

Ex: Da mesma forma que Ismael perseguiu a Isaque que foi gerado segundo a promessa, assim também havia uma perseguição dos judaizantes contra os cristãos. Isto acontece porque há uma cobiça entre a carne e o Espírito.

Paulo conclui: “para que não façais o que quereis”. Outra tradução reza: “de maneira que não façais o que quereis”.

O não fazer o que queremos é uma consequência do andar no espírito. O que a nossa mente ainda deseja, mesmo quando somos gerados de novo? Fazer tudo que estava em conformidade com a velha natureza que foi morta. Pois, através da fé somos gerados de novo após morrermos com Cristo, e enterramos alegoricamente no batismo esta velha natureza, para ressurgimos uma nova criatura em Cristo Jesus.

Porém a nossa mente continua a mesma de outrora, e falta-nos trabalhá-la para que ela execute as coisas pertinentes ao Espírito, e não as coisas decorrentes da velha natureza, que já esta morta.

O andar no Espírito diz da nossa nova responsabilidade de vivermos a altura daquilo que adquirimos em Cristo. Não podemos e não devemos fazer ‘o nosso querer’, antes o querer do Espírito. Se os Gálatas assim agissem, não estaria devorando um ao outro, mas servindo um ao outro em amor.

À vontade de Deus é que vivamos neste presente século de maneira sóbria, justa e piamente; e para isso a nova lei que disciplina a nossa conduta até a nossa redenção é o amor Tt 2. 12.

“Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei” v. 18

Aquele que anda no Espírito, esta sendo guiado pelo Espírito e não se submete a lei, pois ela só pode disciplinar aqueles que andam segundo a carne; como a lei não pode justificar o carnal e os seus feitos, ela por sua vez evidencia o estado de pecado e degradação desta velha natureza.

Para os libertos por Cristo não há lei.

“As obras da carne são conhecidas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, ciúmes, iras, pelejas, dissensões, facções, invejas, bebedices, orgias, e coisas semelhantes a essas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos preveni, que os que comentem tais coisas não herdarão o reino de Deus” v. 19-21.

O que a carne produz está descrito acima, e a lei não consegue melhorar a condição da carne. A lei acaba por evidenciar a condição da carne de não sujeição a Deus.

“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” v. 22- 23

O fruto, ou aquilo que o Espírito produz é o que foi descrito acima. É um erro considerar o significado da palavra fruto como se fosse o fruto de uma árvore. Fruto aqui é aquilo que o Espírito pode produzir, coisas tais que não são contrárias a lei.

Por isso mesmo fruto vem no singular: o fruto.

“E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” v. 24.

Paulo para encerrar o assunto do porque eles estavam em discórdia demonstra a real condição do cristão. Fomos crucificados com Cristo. Tudo pertencente a velha natureza foi cravada na cruz pela fé.

Este versículo confirma que não possuímos duas naturezas, pois para se adquirir a nova natureza, em primeiro lugar precisamos nos desfazer da antiga natureza, cravando a na cruz.

Não há como satisfazermos as concupiscências da carne, pois a carne com suas paixões e concupiscência fora cravada na cruz.

“Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” v. 25.

Quando adquirimos a nova natureza fomos criados pelo Espírito Eterno e passamos a viver pelo Espírito. Como já temos vida pelo Espírito, devemos também caminhar em Espírito, e isto tem a ver com a nossa conduta diária.

Compare a redação do versículo 25 com o versículo 16.

“Não nos tornemos convencidos, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros” v. 26.

Paulo encerra o assunto que ele começou a desenvolver no v. 15, como consequência de um novo posicionamento sobre a lei que estava sendo introduzido na igreja que é o tema central da carta aos Gálatas.

Ao andarmos no Espírito, não teremos as condutas descritas acima.